



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

## **MEMÓRIA NA ESCOLA CUBATÃO 2014 RELATO DA FORMAÇÃO DAS EDUCADORAS DA EJA**

**Marcia Elias Trezza**  
Instituto Museu da Pessoa  
marciatrezza@hotmail.com

**Modalidade:** Relato de Experiência

**Eixo temático:** Identidades e trajetórias na formação dos educadores(as) da EJA

### **RESUMO**

Esta comunicação é um relato de experiência, realizado com educadores, coordenadores e técnicos pedagógicos para o desenvolvimento de projeto de memória na sala de aula, com os educandos, por meio do uso da metodologia de história oral. Ao ouvir, registrar e recontar histórias de vida, os educandos têm a possibilidade de entrar em contato com a história de vida de seus pares e de estreitar as relações humanas na escola e na comunidade. O objetivo geral foi registrar a história de vida dos educandos e de outros moradores da localidade, contribuir para que a memória dessas pessoas seja uma referência na prática pedagógica e social da escola. Os objetivos específicos foram: i) criar possibilidades de integração da escola com a comunidade com a captação, registro e socialização das histórias dos educandos; ii) contribuir com a formação dos educadores de EJA para a realização de projetos de memória; iii) desenvolver práticas pedagógicas para o uso social do registro escrito das histórias de vida; iv) promover, com as Secretarias de Educação, novas oportunidades de participação da comunidade nas escolas. Foi proposta a realização de um produto por turma de educandos para a divulgação das histórias registradas e a sua inserção no portal Museu da Pessoa.

### **PALAVRAS CHAVE**

Memória, vivências na EJA.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

### **Introdução**

*A história oral (...) pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e, na produção da história, pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1992, p. 22).*

Nessa perspectiva, ocorreu nos dias 21, 22 e 23 de julho, o encontro de formação do Projeto Memória Local em Cubatão, com os educadores da EJA e a formadora foi Marcia Elias Trezza, tendo os seguintes objetivos:

- Contribuir com a valorização das histórias de vida, como fonte de conhecimento, respeito à diversidade e fortalecimento de identidades;
- Dialogar sobre os conceitos de História, Memória individual e Coletiva;
- Formar os participantes para desenvolver a metodologia da roda de histórias de vida do Museu da Pessoa;

### **Experiência e Vivência na EJA**

Iniciamos o 1º encontro com a apresentação da proposta da formação, que ocorreria em três dias consecutivos. Pretendia-se oferecer subsídios para que pudessem desenvolver a metodologia com os alunos. Estiveram presentes nesse encontro, 18 professoras.

Falamos então sobre o Museu da Pessoa, a história da sua criação e sua missão que coincidia com os propósitos de uma educação de jovens e adultos comprometida com a valorização do sujeito, de suas experiências e seu potencial de mudança, por meio do registro, organização e socialização de suas histórias de vida.

Sendo assim, realizamos nossa apresentação com a história do nosso nome. Houve aqui uma ótima participação do grupo e a percepção de existirem vínculos já estabelecidos entre os participantes. Após todos se apresentarem, identificamos que havia traços comuns de nossa cultura e do nosso tempo nas histórias, como a escolha do nome influenciada pela religião, pela tradição da família ou inspirada no filme da época, no romance lido, como



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

também questões de gênero envolvidas na decisão dos pais. Com essas observações, iniciamos a reflexão sobre os conceitos de história e memória.

Em seguida, apresentamos a roda de histórias como a metodologia de construção da história oral, para que a realizassem com os grupos da EJA, pois, como sabíamos os educadores já valorizam as histórias de vida dos alunos. A proposta era agregarem essa metodologia à sua prática pedagógica, possibilitando que a história das pessoas da comunidade fosse conhecida e valorizada na escola, inclusive como fonte de conhecimentos e conteúdos a serem aprofundados nas aulas.

Mas, de que história estávamos falando? Exibimos alguns vídeos com relatos, onde as pessoas contavam suas memórias - episódios marcantes na sua vida e também acontecimentos do seu cotidiano. Convidamos, depois, os educadores para participarem da roda de histórias, na qual cada pessoa contaria um acontecimento da sua vida.

Apresentou-se a metodologia, de forma que pudessem depois fazer a transposição didática para a sala de aula. Quando se propôs sentarmos em círculo, prática muito antiga em diferentes culturas, em que cada um tem a oportunidade de falar e escutar os outros, as educadoras disseram que já realizam momentos de roda de conversa. Ressaltamos aqui a diferença com essa metodologia, pois cada um escolherá uma história para contar e pensará por que é importante contar essa história. E ouvirá o outro igualmente até o tempo de todos contarem. Além disso, qualquer tema tem relevância, desde que tenha um significado importante para a pessoa naquele momento.

Os combinados foram enfatizados como necessários para garantir a própria metodologia da roda de histórias: quando uma roda começa, deve terminar. Todos devem ter a oportunidade de contar e ouvir a história de cada um. Assim, é importante compreenderem que não podem ocupar todo o tempo da roda com sua história, podendo combinar alguns minutos para cada história. É importante não interromper a pessoa, lembrando que cada um tem seu jeito de contar uma história, que é fundamental o respeito à história do outro. Os fatos das histórias não devem ser discutidos e nem julgados pelo grupo. Não vale atender telefone, levantar, escrever nem conversar durante a roda. A atenção ao momento e aos outros é o que faz a roda acontecer.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

Foi muito interessante as participantes se comprometerem com esses combinados, percebendo que a maioria deles é necessária para qualquer situação de troca e construção de conhecimentos.

Houve relatos sobre um aspecto de sua vida que caracterizou, uma conquista, sobre uma superação, inclusive em relação à saúde, filhos e pais, sobre o seu lugar de origem como formação da sua identidade, sobre o acontecimento na cidade que mudou a vida de seus moradores, sobre as relações de poder na ocupação da terra, na roça da família, sobre o trabalho, o estudo, e de um esporte que provocou um momento de superação; sobre um amor, um desafio, uma descoberta importante...

Como o nosso tempo se esgotou e várias participantes ainda não haviam contado as suas histórias, combinamos de fazer uma nova edição da roda de histórias no dia seguinte, o que poderá acontecer na sala de aula.

No **2º encontro**, estavam presentes 17 educadoras, algumas precisaram faltar, mas tivemos a participação de algumas novas professoras, retomamos os objetivos da formação e para reiniciar a roda de histórias, as próprias educadoras apresentaram a proposta e sua metodologia para o grupo novo, o que fizeram com propriedade.

Após todas contarem as suas histórias, fizemos uma reflexão sobre memória individual e coletiva, história pessoal e geral: cada memória, cada história vivida – que nos parece tão particular – está repleta das memórias e das experiências dos grupos a que pertencemos e reflete a história de um tempo. As memórias contadas na roda provocaram algumas outras lembranças e, segundo a fala de participantes, inclusive identificação em algumas situações, gerando nova visão dos fatos acontecidos consigo mesma.

A partir daí, enfatizamos os propósitos do Museu da Pessoa de registrar, difundir e articular conteúdos das histórias como uma forma poderosa de construir fontes alternativas para a compreensão dos processos históricos de nossa sociedade.

Lembramos que podem ser realizadas rodas de histórias temáticas, onde o grupo escolhe um tema, um marco importante para todos, e cada um conta uma lembrança sobre aquele tema. Há assim, a oportunidade de conhecerem diferentes versões sobre uma mesma história ou diferentes visões sobre um acontecimento, oportunizando aos alunos aprenderem



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

um importante conceito, ou seja, não há uma única verdade, mas a construção da realidade por cada um de nós.

E, ainda, as fotos, os documentos e os objetos pessoais também poderão ser motivos para a roda de histórias, pois são portadores de memória. Eles não funcionarão como ilustração, e sim poderá ser contada a história da foto, a história do objeto. Sugerimos aqui, um texto sobre a diferença entre objetos biográficos e objetos de status de Ana Carolina Carvalho.

Concluimos essa etapa com a compreensão de que cada participante agora poderá ser um mediador da roda de histórias com os seus alunos e, se houver oportunidade, com outros segmentos da comunidade escolar.

Depois de contar e ouvir as histórias, com o objetivo de mostrar às professoras que elas possuem conteúdos que podem ser trabalhados em sala de aula, identificamos os seus temas comuns, estabelecemos relações entre eles e levantamos algumas questões que poderiam ser desenvolvidas com os alunos. Para esse processo, usamos a seguinte estratégia:

Cada participante recebeu três tarjetas e escreveu um conteúdo presente nas histórias em cada tarjeta; depois as tarjetas foram expostas. As participantes observaram os conteúdos recorrentes nas histórias e agruparam as tarjetas por conteúdos afins. Identificaram relações entre as temáticas e a partir de questões do formador, o grupo foi mudando as tarjetas de lugar, formando uma rede temática.

As educadoras foram apontando a relevância do contexto histórico e econômico e dos aspectos socioculturais e identificando questões que poderiam ser analisadas e aprofundadas, por meio de estudos e pesquisas.

Tratamos, em seguida, do registro das histórias: para que as histórias compartilhadas não se perdessem, as educadoras poderiam registrar as rodas em áudio ou vídeo. A outra proposta seria registrar escrevendo a história que contaram oralmente, produzindo um texto.

Nesse momento, houve uma boa discussão sobre as características da narrativa, oral e da escrita. As participantes levantaram que, para os alunos, selecionar o acontecimento, construir uma narrativa com começo, desenvolvimento e conclusão, num tempo estipulado, já é um ótimo exercício de linguagem. Colocaram também que se puderem gravar, será importante para não perderem a riqueza da história oral.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

Evidenciamos também que, ao produzirem um texto com o registro da sua história, teriam a percepção de que cada um é autor da história. Perceberiam as diferenças da narrativa oral e escrita, além de realizarem o exercício de edição.

Para que tudo isso fosse vivenciado pelas educadoras, mais uma vez com a proposta de transposição didática, sugerimos que cada uma escrevesse o texto da sua história contada na roda. Essa escrita seria realizada em casa, já que não haveria tempo para fazer naquele encontro.

Para a produção do texto, foi proposto que evidenciassem a essência da história, o que gostariam de deixar registrado. Haveria o início com a contextualização, o desenvolvimento com um momento de tensão e um final. Lembrando que quando contamos uma história, a intenção principal do relato é comunicar uma mensagem, o seu ponto de vista. E, para editarem de forma que cativassem o leitor, foi sugerido que houvesse economia (ele caberia em uma página) para a história não perder o ritmo e, cuidar pra que não perdesse a emoção e o interesse do leitor, mantendo inclusive expressões corriqueiras, como: – “Você não vai acreditar no que aconteceu comigo!”.

No **3º encontro**, com a presença de 20 educadoras, foi bastante gratificante ver o envolvimento do grupo, pois de um dia para o outro, a maioria escreveu a sua história. Começamos com cada um lendo o seu texto e, em muitos momentos, nos emocionamos, em outros nos divertimos com trechos bem engraçados. As participantes fizeram comentários sobre as edições das colegas, da forma que poderiam fazer com os alunos, sempre tendo como referência as orientações dadas no encontro anterior para a produção escrita da história.

Ao perceberem a força das histórias, iniciamos o trabalho sobre a sua divulgação. Tornar as histórias conhecidas para além do grupo que a produziu, é uma forma de valorizar ainda mais as experiências vividas e, no caso dos alunos, deles perceberem como suas histórias trazem conteúdos importantes para a sua comunidade e até para o público mais amplo da internet.

Para essa divulgação, sugerimos aos professores elaborarem um produto com a turma, ressaltando que como produto, o trabalho passa a ter uma existência social. Mas, é fundamental que o grupo discuta o porquê, para quem e como quer socializar sua história.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

A socialização pode acontecer em áudio ou vídeo, em peça de teatro, em forma de texto para um jornal de bairro, em grafite ou em exposição. É fundamental que a escolha do produto, a seleção dos conteúdos, a organização dos materiais, a edição seja coletiva, envolvendo todos os alunos. Para ampliar as referências de produto, foram apresentados livros artesanais, cartões postais, calendário, além dos vídeos já exibidos.

De qualquer forma, se propôs que houvesse um registro escrito da história contada, mesmo que fosse como roteiro. Nesse momento, foi levantada a questão sobre a escrita dos alunos, pois há grupos que estão no início do processo de alfabetização. Se não seria melhor a professora ser a escriba. O que debatemos é que se o texto fosse coletivo, poderia haver a escriba, mas no texto individual, seria importante que o próprio aluno escrevesse, por dois motivos: primeiro, a metodologia da roda de histórias não pressupõe o registro escrito por alguém, no momento em que a história é contada. Se o grupo decidir registrar a narrativa oral, deverá fazê-lo gravando em vídeo ou áudio e aí terá aquela fonte histórica preservada, desde que a identifique e a disponibilize de forma organizada. Segundo, é importante, no caso, que o próprio aluno faça a sua edição, mesmo que escolher apenas algumas palavras, elas expressarão a sua história. Foi feita, então, a proposta de elaborarem cartões postais, para perceberem o processo dessa síntese e como compor texto e imagem de forma a comunicar a sua história para outras pessoas.

Foi retomada a intencionalidade da arte postal e apresentados cartões do Museu da Pessoa e de alunos de outras cidades, para ampliação de repertório. Os educadores se propuseram a fazer o seu cartão e, à medida que iam produzindo, iam se empolgando.

Ao concluírem o trabalho, fizemos uma exposição dos cartões e fizemos a seguinte reflexão: cada momento vivido naquela formação e que poderiam realizar com os alunos teve um objetivo diferente e trabalhou-se com conteúdos específicos: narrativa oral, registro da história como fonte de conhecimentos, escrita com função social, exercício de síntese e comunicação e sequência didática com elaboração de produto, que motiva a realização do trabalho, além da valorização das histórias de vida dos alunos.

Combinamos que poderiam realizar aquele trabalho com suas turmas e exporem os produtos na mostra cultural da EJA que acontece no final do ano. O grupo de educadoras propôs que os seus cartões já fossem guardados para essa exposição.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

Outra possibilidade apresentada foi a inserção de toda a produção realizada no portal do Museu da Pessoa.

Concluimos os trabalhos com uma avaliação individual, a qual segue abaixo:

*“Esse encontro com a Marcia do Museu da Pessoa fortaleceu ainda mais o grupo de professores da EJA – Ciclo I, nos emocionamos e dividimos histórias de vida. Muito obrigada por tudo. Valeu!”* Magna Aparecida Brando Alarcon

*“Vale a pena trocar novas experiências com os colegas. Obrigada por contribuir conosco para novas mudanças de atitude e resgatar o papel do educador”* Zilda Gonçalves

*“Um ótimo momento onde pudemos vivenciar uma forma gostosa de trabalhar produção de texto de forma bem significativa para cada participante, bem como palavras geradoras para alfabetização.”* Rosimar Rosalina Arruda

*“O encontro foi muito importante para o crescimento profissional. Espero que aconteça outras vezes, para termos a oportunidade de acrescentar novidades em nossa prática pedagógica.”* Heliete Barros dos Santos

*“O curso foi muito produtivo, repleto de conteúdos, ideias e sugestões. Ótimo!”* Nair Sissi Ventura Fonseca Lopes

*“O mais interessante é a possibilidade do registro em um meio de comunicação com acesso de todos os lugares. É uma troca maravilhosa do eu até agora oculto ou perdido na sala de aula.”* Eliane de Castro

*“Gostei muito da oficina, foi interessante encontrar alguém que quis ouvir minha história. Redescobri minha força e apoio de meus pais para superar. E também o poder da Educação para nos ajudar a vencer.”* Vera Balbino da Silva

*“Além de nos proporcionar momentos de reflexão e aprender uma metodologia para trabalharmos em nossas aulas, foi importante a vivência das atividades.”* Priscila Lima Silva

*“Esses três dias de curso foram ótimos. As discussões no grupo, as técnicas que só vieram a enriquecer o trabalho desenvolvido em sala de aula. Vamos dar continuidade e realizar as atividades com os alunos da EJA.”* Rosilda Barroso

*“Gostei muito. Parabéns pela forma em apresentar cada uma das etapas deste trabalho tão envolvente. Sugestão: mais tempo para compartilhar os trabalhos realizados em oficinas anteriores.”* Edna Aparecida Fernandes Luz



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

*“A gente ‘sente’ quando um encontro é bom quando não queremos ir embora. Marcia, parabéns!!! Você fez nesses três dias com a sua calma, tranquilidade e competência transmitir novos trabalhos, novas ideias etc... etc... Amei o encontro!”* Regina Marcia Ferreira de Melo

*“Foi tudo muito ótimo, principalmente pelo espírito de cooperação e tranquilidade transmitido pela formadora.”* Celeste R. de Jesus

*“Foram três encontros muito produtivos, achei excelente tanto a metodologia, com a qual aprendi muito, como a prática nas rodas de história.”* Rosemar Serafim dos Santos

*“Achei excelente a oficina, oferecendo-nos uma variedade de maneiras de propor produções de texto aos alunos. Considero importante abordar as produções de texto, porque os alunos costumam resistir. A partir de narrativas significativas é muito mais fácil a produção.”* Lenira Rios de Aguiar

*“O encontro foi muito significativo”* Patrícia de Lima Lopes

Por meio dessas avaliações, foi possível constatar que os participantes se envolveram com a proposta da formação, compreenderam os seus objetivos e, principalmente, viram sentido nos conteúdos desenvolvidos para a sua prática pedagógica. Importante será o acompanhamento dos resultados da formação no trabalho realizado em sala de aula, tanto para o educador como para os educandos.



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

**Referências Bibliográficas:**

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz - Editora da USP, 1987.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Brasília, DF, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORCMAN, Karen. *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.